



FACSETTE
Health Sciences

ENSAIO TEÓRICO

Entre Máscaras e Cicatrizes: Super-Heróis, Vivências Traumáticas e a Resposta da Sociedade à Dor – uma análise interpretativa

Between Masks and Scars: Superheroes, Traumatic Experiences and Society's Response to Pain – an interpretative analysis

Edith S. F. Machado¹. Carla C. Amorim^{1*}.

¹ Faculdade Sete Lagoas,
Rua Itália Pontelo, 50,
35700-170, Sete Lagoas,
MG, Brasil.

*Correspondência

Carla C. Amorim
Faculdade Sete Lagoas
Rua Itália Pontelo, 50,
Sete Lagoas, 35700-170,
MG, Brasil.
+55 (31) 99248 0988
carlaamorim.edu@gmail.com

Financiamento

Não se aplica.

Resumo

O presente trabalho realiza uma análise interpretativa das raízes culturais e psicológicas que fundamentaram a criação dos primeiros super-heróis nos Estados Unidos, na década de 1930, explorando as conexões entre o contexto da Grande Depressão e a emergência de personagens como Super-Homem e Batman. A partir de uma perspectiva que combina a abordagem sistêmica e a psicanálise, o estudo investiga como a gênese dessas figuras heroicas foi influenciada por traumas coletivos e individuais daquela época, e propõe, dessa forma, que os mesmos sejam vistos como metáforas de enfrentamento da dor e construção da resiliência. A análise se divide em duas seções: a primeira relembra o surgimento do Super-Homem, em 1933, discutindo seu papel como um símbolo de esperança e renovação em uma sociedade profundamente abalada pela crise econômica. A segunda seção se debruça sobre a criação do Batman, em 1939, interpretando-o como uma contrapartida mais sombria e introspectiva, refletindo as cicatrizes de uma sociedade marcada pelo aumento da violência, mas que buscava, naquele momento, justiça e superação do desamparo.

Palavras-chave: Super-heróis. Trauma. Resiliência.

Abstract

This work carries out an interpretative analysis of the cultural and psychological roots that underpinned the creation of the first superheroes in the United States, in the 1930s, exploring the connections between the context of the Great Depression and the emergence of characters such as Superman and Batman. From a perspective that combines a systemic approach and psychoanalysis, the study investigates how the genesis of these heroic figures was influenced by collective and individual traumas of that time, and thus proposes that they be seen as metaphors for coping with pain and building resilience. The analysis is divided into two sections: the first recalls the emergence of Superman in 1933, discussing his role as a symbol of hope and renewal in a society deeply shaken by the economic crisis. The second section focuses on the creation of Batman, in 1939, interpreting him as a darker and more introspective counterpart, reflecting the scars of a society marked by an increase in violence, but which sought, at that time, justice and overcoming helplessness.

Key words: Superheroes. Trauma. Resilience.

1 INTRODUÇÃO

Os Super-heróis, da forma como conhecemos na atualidade, são uma “invenção” relativamente nova. Mascarados, vestindo roupas repletas de simbologia, vindos de outros planetas ou frutos de experiências científicas, dotados de poderes sobre-humanos, os heróis da atualidade emergiram com toda força no final da década de 30, com a explosão do Super-Homem nos Estados Unidos. Segundo Weldon (2016) o Homem de Aço é a primeira e mais identificável figura do panteão dos super-heróis: nasceu da cabeça de dois adolescentes judeus em 1933, ganhou fama nos EUA, em 1938 tornou-se sucesso absoluto no mundo dos quadrinhos, desencadeou a criação de uma série de outros heróis como ele, que hoje lotam as salas de cinema, as prateleiras das livrarias, as vitrines das lojas e movimentam o mercado milionário da Cultura Pop.

Embora pareça uma criação infante juvenil, de dois garotos do ensino médio que não se enquadravam no padrão de aceitação comum ao universo das “high schools” americanas, é importante entender que o Super-Homem desponta de um contexto social muito mais profundo. A década de 30 surge marcada pela crise econômica provocada pela quebra da bolsa em 1929, mergulhando a população americana em uma grave recessão, arrancando-a abruptamente da “era de ouro dos anos 20”. Em Sant’Anna (2018) entendemos que a quebra da bolsa levou os americanos a uma dificuldade pecuniária sem precedentes, permeada por desespero coletivo, um aumento pontual no número de suicídios, desemprego em massa, êxodos rurais, pessoas desabrigadas, uma diminuição considerável do consumo, que impactou não só a América como o mundo. Sant’Anna (2018) sugere que foram 11 anos lidando com os estragos ocasionados em outubro de 1929, que decretou o fim de uma era de euforia e prosperidade nos EUA e outros tantos anos de reconstrução emocional, social e econômica da sociedade estadunidense.

Paralelo à conjuntura americana, o livro *Superdeuses* de 2012 escrito por Grant Morrison sobre a criação dos super-heróis, pondera que a ascensão de Adolph Hitler ao poder impeliu, mesmo que de forma inconsciente, uma reação à ameaça do Nazismo por parte da fragilizada sociedade americana dos anos 30. O mundo começava a conhecer um vilão e um inimigo comum à democracia e direitos universais, mesmo que isso ainda não estivesse claro. Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha em 1933 e posteriormente com a morte do presidente Paul von Hindenburg, em 1934, ocupou o cargo de chefe de estado, assumindo o título de Führer e estabelecendo um regime ditatorial na nação alemã. Tais acontecimentos, sob o olhar de Morrison (2012), influenciaram uma espontânea necessidade de resposta

à imprevisibilidade que escancarava a insegurança de viver em um mundo cada vez mais caótico e mutante, com uma possível segunda guerra mundial começando a ser vislumbrada no horizonte. De acordo com Morrison (2012): “O palco estava armado para a resposta da imaginação do mundo livre”, e os dois adolescentes judeus Joe Shuster e Jerry Siegel, apaixonados por histórias de ficção científica, captaram a mensagem e corporificaram a simbologia do momento em um personagem de quadrinhos – o super-herói de nome Super-Homem.

Nesse sentido, seria possível pressupor que os super-heróis foram idealizados e materializados pelo viés de uma contrapartida à dor e à incerteza? A resposta afirmativa faria dos super-heróis uma saída para o enfrentamento das subjetividades do meio? Afinal, naquele momento, tais subjetividades apresentavam-se complexas pelo viés histórico, insalubres pela ótica social, angustiantes pela perspectiva econômica e confusas pelo prisma emocional.

Sant’Anna (2018) reflete que entre os anos de transição histórica do século XX, há sete mais importantes, que são estigmas de eventos históricos que mudaram o mundo. São eles: 1914 primórdios da Primeira Guerra Mundial; 1917, Revolução Russa; 1918, Armistício entre França e Alemanha; 1929, quebra da bolsa de Nova York; 1939, começo da Segunda Guerra; 1945, disparo da bomba no Japão iniciando a era nuclear; 1989, queda do Muro de Berlim. Os acontecimentos sociais, políticos e econômicos dos tempos mencionados marcaram profundamente a população global e o destino coletivo do ocidente, principalmente. No caso de 29, as ocorrências na esfera financeira daquele período, inauguraram o transcurso amargo da Grande Depressão. Os americanos, que antes experimentavam as aventuras eufóricas da década de 20, dando vida à ilusão do “sonho americano” que estimulava a ideia de uma sociedade em que todos poderiam ser ricos, se viram, então, confrontados com uma mudança drástica e dura da realidade próspera, para a instabilidade e o caos. Seria a quebra da bolsa de Nova York a precursora de um trauma comum vivenciado pela comunidade americana, ou seja, um trauma coletivo?

Os crashes de 24 e 29 de outubro de 1929 ganharam o apelido de Quinta-Feira Negra e Terça-Feira Negra, respectivamente, em alusão ao impacto causado pelos episódios que expuseram a nação estadunidense às consequências inúmeras do desemprego em massa: dificuldades biopsicossociais. Cabe, em vista disso, analisar de maneira interpretativa o comportamento comunitário do período, com o intuito de propor uma analogia entre o cenário histórico em que os primeiros super-heróis surgiram e o papel deles no processo de reconstrução psicológica no âmbito social após

experiências traumáticas coletivas. Torna-se relevante questionar se o surgimento dos super-heróis poderia ser uma das diferentes respostas ao sofrimento vivenciado na década de 1930 em função do contexto histórico e social suportado. E, por fim, é indispensável compreender de que maneira o entendimento dessas respostas pode auxiliar na maturação de uma atitude de resiliência diante da dor, tanto a nível individual quanto global.

1.1 Conceito sistêmico do trauma

Segundo Reis e Ortega (2023), em 1980, por ocasião do lançamento do DSM- 3, a APA – American Psychiatric Association, anunciou a inclusão do TEPT – Transtorno de Estresse Pós-traumático no campo de transtornos diagnósticos, admitindo um novo caminho para o enfrentamento do adoecimento psíquico causado por situações adversas extremas, onde o sujeito é impactado de maneira profunda. Ainda segundo os autores, a inserção da subjetividade no conceito de trauma, faz com que ele saia então de um contexto puramente material e orgânico, condicionado à medicina, para ocupar um lugar de dor psicológica que pode refletir no funcionamento geral do aspecto físico/psíquico e influenciar a saúde como um todo. Do primeiro uso do verbete “traumático” em 1656 pelo Oxford English Dictionart, para os dias de hoje, quando o texto do DSM – 5 TR (2023) diz que “os transtornos advindos da exposição a um evento estressante e traumático estão listados em critérios diagnósticos que dispõem sobre os diversos tipos de sofrimento psicológico que podem ser desenvolvidos após uma vivência traumática”, o trauma ganhou contornos diferenciados, superando as questões da racionalidade para alcançar uma gama de representações de estados psicológicos, o que emergiu em uma explosão de estudos sobre o tema, baseado nas mais diversas hipóteses.

Após o reconhecimento do TEPT como um transtorno, Allan Young lança, em 1995, o “The Harmony of Illusions: Inventing Post-Traumatic Stress Disorder”, onde é explorada a ideia de que o TEPT não foi uma descoberta científica. Para Young (1995) o conceito de trauma psicológico se dá através de uma construção cultural, social, militar e médica, moldada por interesses negociados e estabelecido pela psiquiatria. O autor destaca o papel do contexto sistêmico que leva a múltiplas interpretações e guiam o olhar da sociedade para determinado ponto. Reis e Ortega (2023) corroboram a ideia através da observação de que: “Seja como fratura, fração psicológica ou memória coletiva, o conceito de trauma reflete as

transformações na interpretação ocidental do sofrimento.”

No caso do TEPT – Transtorno de Estresse Pós-traumático, sua emersão na Psiquiatria só foi possível após um movimento social considerável dos veteranos de guerra do Vietnã, em conexão com a admissão, por parte dos cientistas, da memória traumática. A legitimação da memória traumática como um fenômeno, pela comunidade científica segundo Young (1995) não foi imediata. Se desenvolveu no contexto de pesquisas sobre o trauma e seus efeitos psicológicos especialmente no final do século XX, e só a partir daí, foi se construindo um espaço para que, tempos depois, na década de 70, a admissão do TEPT enquanto transtorno psíquico ocorresse. Sendo assim, embora entre 1930 e 1940, época em que o primeiro Super-herói surgiu, não houvessem estudos concretos sobre a aparição deles como uma resposta emocional dentro de um contexto social traumático marcado pela Grande Depressão, autores como Silva e Accioli (2021) dizem que a criação do Super-Homem, pode ser considerada uma forma de elaboração do trauma coletivo vivido com a quebra da bolsa de Nova York pela sociedade americana, em uma reação de reconexão com a esperança e o sonho americano, perdidos nos acontecimentos sociais e econômicos que tiraram do povo estadunidense o cotidiano de abundância constante e crescente:

Considerando a conjuntura da Crise Econômica dos Estados Unidos pós-1929, os americanos precisavam de um super-herói ficcional que representasse a esperança e servisse como liderança imaginária para milhares de pessoas. (...) Do ponto de vista ideológico surge um super-herói que veio do céu, abrindo espaço para diversas interpretações, inclusive sobre hegemonia de um personagem que usa uma roupa com as cores da bandeira americana, em meio à crise política, social e econômica que os Estados Unidos atravessavam após a quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929. (Silva e Accioli, 2021)

Compreende-se assim que o conceito sistêmico do trauma revela a evolução do entendimento sobre o fenômeno desde sua inserção no diagnóstico do TEPT até a construção social e cultural que a acompanha, costurando tal percepção à certificação de que o trauma foi gradualmente sendo aceito como adoecimento psíquico a partir da admissão dos anseios sociais. O alinhamento entre os autores Reis e Ortega (2023) e Young (1995) enfatiza que o reconhecimento do trauma é influenciado pelas circunstâncias históricas e sociais, refletindo mudanças na maneira como a sociedade lida com a dor e a adversidade, possibilitando a elaboração

de narrativas diversas sobre a lida com o trauma. A emersão de super-heróis, como o Super-Homem por exemplo, em um período marcado pela Grande Depressão exemplifica essa dinâmica. Os Super-heróis não apenas representam entretenimento nos quadrinhos, mas trazem reflexões acerca das angústias humanas, conscientes e inconscientes, além de oferecer uma bagagem simbólica extensa, que configura a capacidade humana de reconstruir-se e reinventar-se em tempos desafiadores.

A partir desse raciocínio, introduzimos a ideia de trauma coletivo. De acordo com Hirschberger (2018), o termo trauma coletivo pode ser usado quando uma situação de grande carga emocional afeta de maneira geral uma comunidade, de modo que ultrapasse os limites do fato em si, tornando-se uma memória viva, metamórfica, que abarca os sobreviventes do evento, os descendentes diretos e aqueles que veem depois.

A quebra da bolsa de valores de Nova York e toda a transformação social que ela impõe, compõe o trauma coletivo americano, que naquele momento rompia com a crença do enriquecimento fácil e possível a todos, do esbanjamento desenfreado como parte da materialização da felicidade e prosperidade eterna. Hirschberger (2018) argumenta que o trauma coletivo traz em si a necessidade de busca por sentido. O trauma coletivo danifica irreversivelmente o sentimento fundamental de segurança, acentuando a sensação de vulnerabilidade e, por conseguinte, o medo. Em concordância com os argumentos de Hirschberger (2018), percebe-se que o trauma coletivo causa um rompimento no tecido social, o que abala a noção de pertencimento pois conduz à desesperança, ao temor, à desconfiança, à frustração e à perda, gerando uma crise de identidade e um desejo, por vezes inconsciente, de aceitação.

Sendo assim, as contingências da Grande Depressão, que se seguiu ao desastre no mercado financeiro americano em 29, podem ser interpretadas como agentes condicionantes a um trauma coletivo. Pela ótica social da sociedade estadunidense, é relevante considerar a ânsia dos envolvidos por uma reconstrução do que Hirschberger (2018) chamou de “significado”, que perpassa pela revisão de propósito, forças de caráter, valores comunitários e reconhecimento de identidade.

1.2 A psicanálise do trauma

Pela perspectiva de Chemama (2020) o termo “traumatismo” aparece nas obras de Sigmund Freud com certa frequência e muda a partir do amadurecimento do médico e de sua teoria psicanalítica. Chemama (2020) explica que no início, após uma etapa de estudos no Hospital da Salpêtrière com Jean – Martin Charcot,

Freud sugeriu que a patologia da Histeria ia muito além do quadro físico apresentado pela doença. O médico reitera que o mal esconde um fenômeno ligado a experiências traumáticas que afetam a psique. A partir desse contexto, Freud conduz a teoria do trauma no entendimento da Psicanálise de maneira dinâmica, permitindo-se construir conceitos, abandoná-los, enxergar o trauma por vieses diferentes, considerar o impacto do contexto histórico e social da Primeira Guerra Mundial na análise das vivências traumáticas, entender que a influência do trauma pode apresentar efeitos que transbordam a compreensão do postulado psicanalítico. Para Martins (2019) o traumático em Freud aflora como uma representação simbólica que engloba a relação entre pensamento e acontecimento, gerando sentimento e comportamento. Essa relação é fundamental para entender como o trauma se manifesta e é abordado pela perspectiva psicanalítica, refletindo as tensões e desafios da vida em suas mais variadas camadas.

Ainda em Martins (2019), compreendemos que em um primeiro momento Freud interpreta o trauma como uma vivência concreta que se converte em inconsciência. A distinção entre conteúdos conscientes e inconscientes é fundamental para assimilar como o afeto do trauma se liga a conteúdos que não estão acessíveis ao nível da consciência lúcida, e Freud dedica-se a elaborar bem essa separação.

Em todo caso, vê-se como é fundamental para Freud, nesse primeiro período de elaboração do trauma, a sustentação de uma distinção efetiva entre conteúdos conscientes e conteúdos separados da consciência, estando o afeto do trauma ligado a estes conteúdos ditos inconscientes. (MARTINS, 2019. P.7)

Em seguida, Freud transiciona da teoria da sedução – que introduz a ideia de que o trauma se origina de uma vivência material de dor na infância, para o entendimento de que a relação do trauma com o inconsciente está nos conteúdos “fantasmagóricos”, ou seja, que emergem de um lugar na inconsciência e assombram como fantasmas. Percebe-se que o trauma não necessariamente deriva-se de uma experiência real (como a teoria da sedução defendia), mas pode ser uma elaboração mental manifestada através de imagens e palavras.

Era preciso pensar o trauma não mais a partir da experiência concreta e material da cena, mas a partir da produção de fantasmas. (...) O fato é que Freud deixa de acreditar na realidade propriamente dita do trauma, realidade no sentido mais

imediatamente dessa palavra, para afirmar a formação e o desenvolvimento do trauma na fantasia do pensamento. (MARTINS, 2019. P.4)

Com a realidade da primeira guerra mundial, a psicanálise sofre uma mudança de perspectiva, e Freud se volta para algo maior. Martins (2019) pondera que o trauma deve ser apresentado como uma concepção que ancora um contexto social. Em seus textos, Freud discute como é significativo que a Psicanálise acompanhe a vida como ela é e acontece, submetendo suas reflexões às influências dos acontecimentos externos. Assim, o estudo de Martins (2019) compreende o trauma como algo que surge também de contextos históricos específicos, sugerindo que é importante estar atento às influências sociais e culturais que moldam as experiências das pessoas. Isso implica dizer que uma abordagem psicanalítica mais contextualizada e sensível às particularidades da vida cotidiana, considera não só a forma como o trauma é desenvolvido, mas também vivenciado e posteriormente manifestado.

Sendo assim, sabendo que para Freud a experiência traumática é vivida de maneira complexa, produzindo efeitos profundos na psique do indivíduo, compreender-se-á que a manifestação do trauma também é arrevesada. De acordo com Chemama (2020), Freud acreditava que o trauma pode resultar em conflitos internos de difícil compreensão. Esses emaranhamentos, mesmo encobertos, ocultados, ou até mesmo negados, repercutem nos comportamentos e pensamentos do sujeito. Reações e escolhas podem, portanto, representar uma maneira de elaborar a dor não consciente causada pelo trauma. Não abordaremos aqui, senão de forma generalizada, os mecanismos dessa manifestação no olhar da Psicanálise, mas abordaremos, de maneira mais específica, o conceito de que a teoria psicanalítica permeia toda a criação dos super-heróis como uma base de análise mais profunda, tanto pela ótica individual, quanto pelo caráter coletiva.

Buscando validar a perspectiva, De Castro (2020) cita o livro “A história por trás do Super-Homem” escrito por Tomás Campi, que conta a saga de um dos criadores do primeiro super-herói do mundo e expõe Joe Shuster como um menino judeu imigrante, cujo pai alfaiate trabalhava muito, ganhava pouco dinheiro e era explorado economicamente por seus clientes em muitas ocasiões. Shuster conviveu com todo complexo contexto social da Grande Depressão dos anos 30. Ademais, pairava sobre a cabeça dos Judeus a ameaça do Nazismo que ganhava cada vez mais força na Alemanha, sugerindo que o criador do Super-Homem, dentro de sua realidade pessoal e para além do trauma coletivo sofrido pela nação americana, vivia suas próprias experiências

traumáticas. Viração (2019) corrobora a ideia de De Castro (2020), que diz que há em Shuster uma necessidade, consciente ou não, de manipular a realidade a seu favor, ainda que isso só acontecesse nos quadrinhos. Viração (2019) explica que na verdade, Clark Kent, vulgo Super-Homem, nasce na cabeça e no coração de dois jovens imigrantes que cresceram em Cleveland, Ohio, uma cidade situada nos Grandes Lagos, que nos anos 20 e 30 contabilizava 900 mil habitantes e atraía imigrantes vindos do Canadá. O crescimento desordenado trouxe desigualdades sociais e violência, agravados em consequência da Grande Depressão. Portanto nesse contexto, entendemos sob qual perspectiva o Super-Homem foi forjado:

O Superman é um produto cultural e, como todo produto cultural, é reflexo de sua cultura, e também “construtor” dela. Encarar as histórias em quadrinhos do Superman como fonte histórica é, não apenas perceber os Estados Unidos da América que o criou, mas mergulhar nos anseios e desejos de seus criadores e do público leitor. O que o Último Filho de Krypton nos transmite? Por que gostamos tanto dele? (VIRAÇÃO, 2019. P.177)

É possível observar o quanto Freud colabora com importantes contribuições para a compreensão das complexas dinâmicas psíquicas envolvidas nas experiências traumáticas. Ele destaca a importância dos conteúdos inconscientes e sua repercussão na vida psíquica. Introduce o conceito de que circunstâncias externas também podem ser traumatizantes, ressaltando a persistência dos efeitos traumáticos ao longo do tempo, mesmo que essa matéria tenha sido apartada da mente consciente. A história de um dos criadores do Super-Homem, Joe Shuster foi analisada para entendermos o quanto traumas pessoais e coletivos podem influenciar, talvez de maneira indistinta, mas não irrelevante, a cultura, a criatividade, refletindo lutas, ansiedades, conflitos, dor e necessidade de transformação.

Diante dessas considerações, as perguntas mantêm-se: o que os super-heróis nos transmitem? Por que nos apaixonamos por eles? E como eles transcendem a mera função de entreter para a missão de auxiliar na elaboração do sofrimento, na construção da resiliência, na superação da dor?

2 METODOLOGIA

O presente trabalho dedica-se a construir uma análise interpretativa, um tipo de estudo que procura entender significados, símbolos e representações

culturais de uma sociedade. Nesse sentido, pretende-se compreender as vivências traumáticas decorrentes da Grande Depressão que assolou os Estados Unidos a partir de 1929, e a gênese dos primeiros super-heróis que despontaram no formato de histórias em quadrinhos nos anos subsequentes: Super-Homem, em 1933, e Batman, em 1939. A proposta é articular uma reflexão entre o impacto do trauma coletivo na sociedade americana da década de 1930, causado pelo colapso econômico e social após a quebra da bolsa de Nova York, e a criação dos super-heróis, que pode ser vista como uma forma de lidar com as adversidades e expurgar as frustrações, tornando o desenvolvimento individual desses personagens parte de um processo análogo de construção coletiva da resiliência.

Para isso, serão utilizadas a Abordagem Sistêmica e a Psicanálise como ferramentas de análise das referências sociopsicológicas relacionadas ao surgimento do Super-homem e do Batman. Sob o viés sistêmico, será examinado o cenário histórico em que os super-heróis emergiram, e pela perspectiva psicanalítica, investigar-se-á a concepção dos personagens, entrelaçando os desejos inconscientes de seus autores e as necessidades reais da sociedade, reveladas nas personalidades, vivências pessoais, valores e caráter dos heróis.

A análise interpretativa se dividirá em duas seções: a primeira tecerá um diálogo entre a aparição do Super-Homem e o início da crise dos anos 30, contextualizando o mito e os desdobramentos emocionais do mesmo, como a materialização da possibilidade do renascimento da esperança, deteriorada pelo desgaste do trauma coletivo. A segunda seção examinará o contexto sistêmico em que Batman foi elaborado, em 1939: dez anos após o início da crise financeira, econômica, social e moral, integrando essa percepção com a elucidação psicanalítica da constituição do personagem, um herói humano, que emprega todos os seus recursos materiais e subjetivos para superar o desamparo e fazer justiça.

A junção dessas duas narrativas e sua interpretação, tem por objetivo levantar uma discussão sobre como os Super-Heróis podem ser vistos pela ótica de uma concepção metafórica de enfrentamento do sofrimento, mostrando que, por trás da capa, da máscara e das habilidades extraordinárias, existem histórias, reais ou fictícias, de vulnerabilidade, que funcionam como constructos para elaboração da dor e o florescer da resiliência.

3 EXPLORAÇÃO TEÓRICA

3.1 O Super-Homem

3.1.1 A esperança é forjada no aço

O Mito: Quando o pai do Super-Homem, Jor-El, cientista de Krypton entendeu que o planeta sofreria um colapso geológico, mergulhou em uma jornada para tentar reverter o problema, inclusive avisando as autoridades, que não lhe deram ouvidos. Jor-El, com o apoio de sua esposa, cria um foguete e manda o único filho, chamado Kal-L, recém-nascido, para outro mundo, conhecido como Terra.

Nesse novo planeta, o bebê é adotado por um casal de Kansas City, nos EUA: os Kent. Criado e educado pelos Kent, uma típica família americana, Kal-L recebe o nome de Clark. Clark Kent vai descobrindo seus poderes à medida que cresce, juntamente com a promessa de que, ao se tornar adulto, usará seus dons para o bem da humanidade.

Ao se tornar adulto, Clark Kent vai trabalhar como jornalista, ao mesmo tempo que vive uma vida paralela como Super-Homem. Apaixonado por Lois Lane, sua colega de trabalho, Clark Kent assume a identidade secreta de Super-Homem a cada vez que a Terra e a humanidade correm perigo. Ele enfrenta vilões, derrota bandidos, e lida com o fato de seu grande amor nutrir uma paixão por sua personalidade recôndita, o Super-Homem, não tendo olhos para o humilde jornalista do Planeta Diário, Clark Kent (WELDON,2016).

3.1.2 O contexto sistêmico de sua criação

Como já foi explorado neste estudo, a quebra da bolsa de Nova York em 1929 e os anos de crise que se seguem após esse marcante evento, trazem a necessidade coletiva de uma reconexão com algo que faça nascer a confiança no destruído “American Way Of Life”. Pela ótica individual, paralelo ao cenário social descrito há o campo sistêmico de dois adolescentes judeus, imigrantes, mergulhados em uma conjuntura de desigualdade, pobreza e desalento, à beira de uma segunda guerra mundial.

Para fins de análise sistêmica, é preciso reiterar que a criação do primeiro super-herói do mundo, o Super Homem, veio de uma realidade circunstancial de imigração, uma vez que o mito do homem de aço se

constrói a partir da mente de dois estrangeiros. Isso implica considerar que, a história de um forasteiro que traz o bem, a salvação e a segurança para o mundo de maneira extraordinária, se emaranha a um contexto imaterial pelo qual todos nós somos compostos: somos frutos de nossos enleios familiares, comunitários, afetivos, profissionais, ancestrais. Para Córdoba et al (2020) uma vez inserido dentro de uma conjuntura, a interação do sujeito com o meio modula a subjetividade do ser, de modo que todo o seu comportamento é influenciado por essa teia de vinculação física, social, emocional e memorial. Sendo assim, as narrativas conduzidas pelo indivíduo nas suas mais variadas maneiras de acontecer (seja verbal, textual ou imagética) contém em si todo o campo sistêmico no qual o mesmo está mergulhado. A correspondência simbólica e metafórica entre a vida de Siegel e Shuster e a história do Super-Homem se dá nas interseções dessa teia relacional sistêmica com os anseios e desejos, conscientes ou não, do ser que se mistura ao ambiente ao mesmo tempo que busca pela própria singularidade: “É impossível contar a história do Superman sem reconhecer as dificuldades legais, financeiras e emocionais de Jerry Siegel e Joe Shuster.” (WELDON, 2016, p.14).

Quando nasceu, no planeta Krypton, o Super- Man recebeu o nome de Kal – El, grafado Kal-L, que significa em hebraico “A Voz de Deus”. Segundo Viração (2019), Shuster e Siegel eram judeus, mas não há clareza se eram praticantes. No entanto, partindo dos conceitos da abordagem sistêmica, é coerente perceber uma coincidência relevante no fato da escolha do nome do Super-Homem. Para Otto e Ribeiro (2020), Murray Bowen, com suas contribuições ao pensamento sistêmico, explica com objetividade tal situação. No entendimento de Bowen, o desenvolvimento de cada ser humano se dá em uma eterna conciliação entre duas forças: a individuação e o pertencimento. Otto e Ribeiro (2020) explicam que Bowen acreditava que, ao longo da vida, as pessoas se expressam e se posicionam buscando o equilíbrio entre pertencer e ser. E trazendo isso para o contexto da criação do Super-Homem por Siegel e Shuster, ponderar-se-á que os dois meninos almejavam, ainda que inconscientemente, o pertencimento como cidadãos americanos na sociedade estadunidense, sem perder de vista o reconhecimento de que carregavam consigo uma bagagem ancestral.

Viração (2019) diz: “Uma criança que chega do céu e apresenta superpoderes à medida que cresce, no mínimo é especial”. A mesma autora reflete sobre o vínculo das narrativas do personagem bíblico de Moisés e do Super- Homem:

Paralelos com a história de Moisés são inevitáveis se levarmos em consideração

a origem judaica de seus criadores. Um menino recém-nascido colocado em um foguete pequeno, o último sobrevivente, viajando perigosamente pelo espaço, até chegar em seu destino – a Terra. Moisés é também um menino que escapa da morte quando pequeno, e fez uma perigosa viagem dentro de um cesto, pelo rio Nilo, cheio de crocodilos, até ser encontrado pela filha de Faraó. (Viração, 2019, p.180)

Moisés era um profeta com missão poderosa de libertar seu povo da escravidão. A semente do heroísmo bem como do altruísmo e da compaixão permeiam a história do famoso personagem bíblico que tinha como poder extraordinário a sua fé. No entanto, antes de assumir-se, Moisés pertenceu à nobreza egípcia, tendo, de forma simbólica, duas identidades. Moisés teve o caráter moldado por sua família adotiva, para, no momento certo, doar-se ao seu servir. Moreira (2013) em seu livro “Análise Psicanalítica dos Super Heróis” conta que, embora o Super-Homem fosse dotado de extraordinários poderes, Shuster e Siegel escolhem deixar claro que quem modula o caráter do super-herói são os Kent, com os valores de uma família tipicamente americana. Essa afirmação consolida a dinâmica citada na teoria de Bowen: estamos sempre nos equilibrando entre o pertencer e o ser.

3.1.3 O olhar na sua construção

Moreira (2013), sugere que, em termos psicanalíticos, o Super-Homem pode funcionar como o superego da sociedade americana. O superego, segundo Freud, é uma das três estruturas da psique humana que funciona como uma consciência moral e ética, que tem por objetivo forjar o comportamento ideal de acordo com os valores dessa ordem. Sendo assim, o Super-Homem, que não é um alienígena, mas um super-humano originário de civilizações humanas mais evoluídas, não está pronto para ser quem é, em toda sua potencialidade. Ele é uma pedra bruta, que necessita passar pela “forja” educacional dos Kents, dos americanos, para então assumir o arquétipo de salvador, com forte senso de moralidade e justiça.

Considerando o superego como a parte psíquica que se desenvolve a partir dos padrões morais aprendidos com cuidadores e com a comunidade, pode-se compreender que o mesmo funciona como um juiz, um censor para pensamentos e comportamentos, que dita o que é certo ou errado. Ser aceito pela sociedade significa assumir um lugar de pertencimento nela, a partir da incorporação de estruturas anímicas por ela defendidas.

Os Kent se tornam, portanto, a validação e o reconhecimento de que os imigrantes que chegam aos EUA podem “fazer parte” se forem esculpidos pelos parâmetros americanos, Weldon (2016). O Super-Homem é a materialização de como a essência norte-americana conduz o indivíduo à sua melhor versão ainda que ele venha de uma civilização mais evoluída. O superego, que reproduz a moralidade e os valores culturais internalizados, que busca impor padrões éticos e ideais, auxilia a pertencer à medida que faz um contorno do id. O id, por sua vez, de acordo com Freud, é a parte da psique que representa os instintos mais básicos e os impulsos ligados aos desejos mais primordiais do ser, ou seja, a essência pura e mais primitiva.

Portanto, se observarmos a ferida sociedade estadunidense da época, e o contexto de reconstrução da moral americana após o fim da Era de Ouro, da Era do Jazz, de riqueza e consumo desenfreado subsequente à primeira guerra mundial, encontraremos o esvaziamento dessa configuração psicológica, capaz de alimentar a crença na prosperidade eterna e na vida incrível que cada americano poderia viver se quisesse. Afinal, a América era a terra dos sonhos realizados, da liberdade, do crescimento que nenhum outro país do mundo seria capaz de oferecer – o famoso American Way of Life sintetizava a força da esperança (e da ambição) no inconsciente coletivo da nação.

A esperança, naquele momento, precisava ser fomentada e poderia ser considerada um anseio comum a todos os Estados Unidos. Esperança não apenas em um futuro melhor, mas no fato de que, enfim, os americanos poderiam retornar ao posto que tanto ambicionavam e que acreditavam lhe ser próprio: inspiração mundial. Isso se torna possível, através de um imigrante originário de uma civilização humana muito mais desenvolvida, mas que, porém, só se torna um grande super-herói porque um casal americano o acolhe, e o ensina a ser como um farol de esperança que acende a luz no fim do túnel escuro, para o qual a Grande Depressão, empurrou a todos (Viração 2019.P.187).

Quando Freud revela que o fato motivador do trauma é menos relevante do que o conteúdo traumático manifestado pelo inconsciente, torna-se coerente trazer à tona, para além da história dos criadores do Super-Homem, o fato de que a própria vivência traumática de Clark Kent foi ignorada, tal qual o trauma da Grande Depressão, no momento em que ele estava sendo vivenciado. Assim como na realidade, Weldon (2016) diz que também na ficção, a resposta imediata à história de dor revelada nas origens do Super-Homem foi apartar o conteúdo doloroso do herói, e investir em tornar o personagem invulnerável. Só em 1950 a retórica traumática do Homem de Aço foi explorada em

detalhes. Percorrer o passado de Clark Kent como órfão vítima de uma catástrofe em seu planeta de nascimento, que dizimou todo o seu povo, fez com que o personagem ganhasse uma gigantesca repercussão emocional.

O atraso de mais de 10 anos em lidar com a vivência traumática de Kal-L foi justificada por Siegel e Shuster em Weldon (2016) onde os autores descrevem que em um primeiro momento pouco importava a história triste do Super-homem, pois o herói ao qual eles deram vida era ocupado demais para traumas e introspecção. Ele tinha mais o que fazer e era algo grandioso: salvar o mundo! Talvez ele não conseguisse salvar a si mesmo: conquistar a mulher que amava, realizar sonhos e ambições ou até mesmo impedir a morte de toda sua família biológica e a explosão do seu planeta de origem. Mas ele seguia socorrendo a humanidade.

Fazendo uma analogia com a sociedade americana, Weldon (2016) ainda cita a expressão: “culpa de sobrevivente” para esclarecer que o Super-homem não se daria a vitimismos e termina: “O Super-Homem é a essência do americano: o velho mundo não podia mais tocá-lo e cabia a ele abrir seu próprio caminho”. Ou seja, os EUA surgiram de uma libertação do jugo inglês, e quando o controle encarnado nos ancestrais europeus do velho mundo não podia mais manipulá-los, a alternativa era abrir uma estrada para o triunfo. Corroborando a explícita história sistêmica do nascimento dos EUA e consolidando o alicerce que sustenta o sonho americano, seguir em frente sempre é a premissa, pois na América tudo é possível, e definitivamente não há tempo para a dor. Mas pode-se usar o recurso da fantasia para ancorar aquilo que só tem espaço no inconsciente. É o que Martins (2019) explica através do postulado de Freud: em psicanálise, o trauma não é algo a ser superado ou um obstáculo que atrapalha o desenvolvimento do sujeito. O trauma é um ponto de partida para a formação de novos pensamentos e uma transformação com potencialidade para ultrapassar o traumatismo limitante.

3.1.4 Onde está sua força?

A força emocional que sustenta o Super-Homem enquanto personagem crucial do panteão dos super-heróis, segundo Viração (2019), está na correspondência plena dele com os anseios e necessidades humanas. Que o herói se integra perfeitamente à realidade de sua época, é claro. Weldon (2016) diz que Clark Kent, em sua dupla identidade, se reinventa ao longo de sua trajetória para corresponder exatamente ao que se esperava dele: ser o símbolo da esperança perdida, ser o salvador do mundo, proteger e fortalecer a necessidade de segurança.

Quando a segunda guerra mundial explode, no mesmo ano em que o Super-Homem ganha força e fama, o herói se vê numa situação difícil: ao se alistar e lutar ele encerraria o conflito em segundos, aniquilando o adversário definitivamente, afinal ele era o Homem de Aço, com força extraordinária e invencibilidade como característica. Mas a guerra não dava sinais de acabar tão cedo, e ao mesmo tempo, era preciso tomar cuidado para que o personagem se posicionasse de modo a não banalizar o evento, desrespeitando os soldados que arriscavam a vida em combate. Foi assim que o Super-Homem foi transformado em um símbolo de patriotismo consolidando a persona imaginária, poderosa e inabalável, que trazia segurança e proteção em meio ao caos.

Simultânea à postura de incentivar a doação de sangue, ajudar materialmente as bases militares com a compra de bônus de guerra e selos, o Homem de Aço protagonizava histórias em que repetia, nas mais diversas ocasiões, que os verdadeiros heróis eram os Soldados que lutavam na guerra. “O processo de transformação em símbolo de patriotismo aparou as arestas do Superman e fez dele alguém mais seguro e confiável.” (WELDON, 2016. P.72)

É fácil perceber o conforto que a sociedade americana recebia naquele momento delicado da história mundial. Jones (2006) em seu livro *Homens do Amanhã: geeks, gangsteres e o nascimento dos gibis*, sintetiza o quanto os heróis se fizeram importantes emocionalmente para as pessoas:

Super-Heróis possuíam a capacidade de transformar ansiedade em júbilo. Enquanto o mundo mergulhava em conflitos e desastres grandes demais para a compreensão humana, os gibis tomavam os medos mais obscuros de seus leitores e alçavam voo com eles. Eles faziam a violência e a destruição parecerem emocionantes, mas ao mesmo tempo pequenas e domináveis. (JONES, 2006. P.433)

3.2 Batman

3.2.1 O desamparo pode ser superado

O Mito: Bruce Wayne vem de uma família rica e influente em Gotham City. Quando completa 8 anos, presencia o assassinato dos pais Thomas e Martha Wayne em um assalto. Nesse momento, completamente tomado pela dor da perda, jura dedicar sua vida a

combater o crime. Para isso, se prepara física, emocional e materialmente à medida que cresce, usando todos os seus recursos materiais para se tornar um justiceiro que destrói aqueles que infringem a lei, o que o torna um super-herói de poderes incrivelmente tecnológicos, porém, não sobrenaturais. Com a ajuda do mordomo, amigo e quase pai Alfred Pennyworth, Batman se encarrega de livrar Gotham City do mal.

3.2.2 Entrelaces sistêmicos e psicanalíticos na sua criação

Batman aparece pela primeira vez nos quadrinhos em 1939, um ano depois do Super-Homem ganhar fama e fãs. Pensando sistemicamente, temos um cenário em que a segunda guerra mundial acaba de começar na Europa e nos Estados Unidos, a Grande Depressão é uma realidade a nove anos. Portanto, podemos dizer que o Batman ainda é fruto da crise de 1929.

Ao nascer, o Cavaleiro das Trevas, encontra, no entanto, efeitos diversos dos que o Super-Homem vivenciou ao ser criado em 1933. A quebra da bolsa de Nova York trouxe para o contexto das cidades o desemprego, o aumento dos preços, dificuldades econômicas. A partir de 1936, por conta de uma severa estiagem devido ao aumento de temperatura nas águas do oceano pacífico que impactou as lavouras, a migração rural começou a acontecer de maneira mais forte. Como consequência, houve um crescimento desenfreado e desorganizado dos centros urbanos de acordo com Sant’Anna (2018). Batman é, não apenas aquele que sofreu a dor de ser vítima da violência das ruas, mas também um homem que fez de seu sofrimento o impulso para justamente superar as causas dos seus males, bem como a destruí-los. A análise das conjunturas sistêmicas em que Batman se criou confirma a ideia de que não era mais preciso que do céu viesse a esperança para prosseguir com a vida após o trauma coletivo da bancarrota financeira de Wall Street. Agora era preciso ter estímulo para extirpar o mal e impedir que o sofrimento se perpetuasse.

A pressa com que as primeiras histórias de Batman foram criadas pode explicar por que Finger e Kane, criadores do super-herói se inspiraram em fontes preexistentes, ou o processo dos dois pode simplesmente ser comparado ao de Siegel e Shuster no Super-Homem: eles foram influenciados por tudo que os cercava, de personagens de ficção Pulp aos heróis do cinema. A ascensão dos gângsters da vida real, como Jonh Dillinger, Pretty Boy, Floyd, Bonnie e Clyde, Al Capone e

Dutch Schultz foi contada diariamente nos jornais e filmes. Finger e Kane estavam imersos nisso tudo, o que influenciou diretamente o trabalho da dupla.” (ROBB, 2017.P.72)

Moreira (2013) expõe que Batman tem, em sua origem sombria e traumática, sua maior força, diferentemente do Super-Homem, cujo autores negaram os traumas do herói durante alguns anos, elevando-o a um patamar de super-humano. Apesar de seus autores Bob Kane e Bill Finger só apresentarem a história de Bruce Wayne seis meses após a primeira aparição do super-herói acontecer, ao ser revelado como uma criança traumatizada que usa sua herança para combater o mal que lhe arrancou os pais, Batman se aproxima imensamente de seu público.

Ao contrário dos heróis fantásticos, Batman é mais humano: não tem poderes sobrenaturais, mas usa da tecnologia, do conhecimento e do dinheiro, para se tornar invencível, proposta factível que muitos almejavam alcançar. Ele traz em si a dor de ser mortal e vulnerável às mazelas da sociedade, tem uma vivência de padecimento que o assombra ao mesmo tempo que o fortalece e uma motivação que oscila entre um desejo de vingança pessoal e uma sede de justiça para fazer do mundo um lugar melhor, para que ninguém mais experimente o infortúnio que lhe feriu irremediavelmente.

Nesse sentido, Batman é dual assim como sua identidade. Sua persona hedonista, forjada na pele do rico playboy Bruce Wayne, conflita com o altruísta e justiceiro Batman. O que empresta ao personagem o equilíbrio que sustenta o disfarce perfeito para camuflar os atos heroicos que acontecem na calada da noite, Moreira (2013). A dualidade, segundo Freud, se refere aos pares de opostos que ganham vida na psique, e engrossam a noção de complexidade humana. Batman é sem dúvida um herói complexo.

A partir de Freud vislumbra-se a concepção de que o ser humano é movido por um instinto de vida (Eros) e um instinto de morte (Thanatos). Para Freud, o trauma abarca também dois pontos fundamentais da vida psíquica: a pulsão de vida e a pulsão de morte. Além do desejo de conservar a vida e buscar prazer, existe no ser humano uma tendência inata a repetir eventos, mesmo que dolorosos, como parte de um impulso destrutivo. Esse impulso é chamado pulsão de morte, uma vez que tem como objetivo a auto redução e a destruição.

Quando Freud define o inconsciente como uma pulsão, dividindo esta em torno da vida e da morte, ele é moderno: as referências principais de Freud são o impensado do pensamento e a finitude da

existência; trata-se da posituação de toda uma fenomenologia da morte, o que inclui as possibilidades de criação e de destruição de si e dos outros. (MARTINS, 2019. P. 7)

Essa noção de recriação de si mesmo – pulsão de vida (ou destruição – pulsão de morte) como possíveis caminhos para a recomposição psicológica do indivíduo, é interessante como fenômeno que convida a refletir sobre a emersão de desejos inconscientes. Tal conteúdo não expresso e talvez não identificado, pode ser materializado de inúmeras formas, inclusive na criação de um super-herói salvador, justiceiro que luta contra a violência.

Bruce Wayne, assim como a sociedade americana, precisa viver com todo sofrimento advindo do trauma, e se alinhar a um instinto de vida que impulse a construir e preservar a existência. Contraditoriamente, Wayne elabora o Batman como uma resposta ao seu trauma, mas também como uma ligação aos instintos destrutivos (Thanatos), de agressão e desejo de, assim como seus pais, voltar a condição inorgânica que só se consegue com a morte. Como escreve Robb (2017) “Ao contrário do Super-Homem, balas podem machucar o Batman”.

Por essa perspectiva, torna-se indispensável citar, ainda em Freud, o conceito de desamparo. Bastone (2023) diz que para Freud o desamparo começa no início da vida, quando o bebê depende totalmente da mãe para sobreviver e percebe, aos poucos, sua vulnerabilidade frente essa sujeição, o que lhe causa angústia. Assim, ao longo de sua jornada, o sujeito busca retomar a sensação de amparo e proteção que um dia teve, em uma tentativa constante e inconsciente de sentir-se seguro e amplamente satisfeito em suas necessidades, o que perdeu, à medida que foi tomando consciência de sua fragilidade. Na teoria psicanalítica freudiana encontramos, portanto, a relação entre desamparo e trauma, pois ambas as experiências são fortes e excedem a capacidade racional do indivíduo de elaborar o sofrimento, o que constitui a raiz da traumatização e da desproteção, não apenas pelas eventuais situações em que o sujeito pode experimentar gatilhos que desencadeiem sensações peculiares ao trauma e ao desamparo, mas principalmente pela consciência da impotência frente à característica intrínseca à humanidade que é a vulnerabilidade.

A partir desse viés, percebe-se que Bruce Wayne, ainda criança, ao ver os genitores sendo assassinados brutalmente, vítimas da violência urbana, experimenta um estado de desamparo profundo. Filho único, se vê sozinho, tendo que lidar com a transitoriedade da vida. Considerando o que Bastone (2023) traz sobre o

postulado freudiano em relação a curta gestação do ser humano comparada a outros animais e o nascimento sem a total formação e maturação do indivíduo, compreende-se que no caso de Batman, o evento da morte de seus pais, potencializa a sua vulnerabilidade e as periculosidades do mundo.

A influência do mundo real externo é reforçada, a diferenciação ao Id é logo promovida, os perigos do mundo externo têm sua importância elevada e o valor do único objeto capaz de proteger contra esses perigos e tomar o lugar da vida intrauterina perdida é bastante aumentado. Portanto, o fator biológico dá origem às primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano. (FREUD, 1926-1929, p. 75)

A experiência infantil de Wayne ilustra, de forma pungente, como a precariedade da existência humana, especialmente em situações traumáticas, intensifica a busca por segurança e afeto, o que no caso do menino rico que perde os pais, ganha a força da transformação de sua vida em uma jornada heroica para superar a perda dos únicos objetos que poderiam lhe proteger da vulnerabilidade: Thomas e Martha Wayne.

É inegável o fato de que a construção de Batman por Bruce Wayne não deixa de ser uma forma de se sentir amado, a despeito da circunstância de ter visto o assassinato das duas fontes de amor que conhecia. A resposta para a busca por amor é inevitavelmente se tornar um ser acima de sua própria humanidade, fazer o extraordinário e se colocar para além do desamparo: não há poderes fantásticos, mas há a possibilidade de lidar com a própria fragilidade de maneira vitoriosa, espetacular, dando vazão à agressividade ao mesmo tempo que faz o bem, Robb (2017).

Projetando essa reflexão para o contexto americano social, reforçando a ideia de enlace entre o sistêmico e o psicanalítico na criação de Batman, enquanto o Super-Homem preencheu perfeitamente o vazio daquele momento histórico de desesperança com fé de que algo extraordinário cairia do céu para salvar o mundo, o Cavaleiro das Trevas complementa com a possibilidade de superação do desamparo, do mal instaurado pela crise que avançava a quase uma década, da guerra que inaugurava um tempo de medo e incerteza.

Essa também é uma leitura sistêmica importante pelo viés de entendimento de Batman como uma metáfora de confronto do trauma e não mais de enfrentamento, como o Super-Homem. Isso pode ser confirmado ao examinarmos a galeria de inimigos do Batman. Enquanto o homem de aço tinha um grande inimigo

principal: Lex Luthor, Batman tem vários, e dependendo da fase, luta com cada um. Nesse sentido, podemos considerar seus adversários como parte da sombra de uma sociedade multifacetada, que se reinventa após um grande evento traumático, e reconhece que não há um vilão em comum que ameace a sociedade, mas vários, e grande parte deles, está dentro do próprio ser humano.

A começar pelo Doutor Morte, que Batman encontra justamente quando, em uma história, é ferido por um tiro. O sugestivo nome mostra que a primeira batalha de Batman é principalmente, como herói que é, superar sua fragilidade humana. O Doutor Morte ameaçava Gotham City com uma bomba letal que destruiria toda a cidade, contrapartida de elaboração para a época que inaugura a segunda guerra mundial e a dúvida de como o conflito armado se desenrolaria e quais os impactos para os EUA.

O Professor Strange, em 1940, outro vilão representativo da traição, pois o mesmo engana a sociedade usando seus conhecimentos para ajudar ladrões. Cara de Barro também em 1940, era um ator que, ressentido por não ter todo o reconhecimento que merecia, começou uma vida de crimes e mostra a faceta da inveja como uma grande ameaça. Coringa, ainda em 1940, retratando toda a loucura e alienação da sociedade e como isso pode ser fatal. A Mulher-Gato, novamente em 1940, com quem Batman vive uma relação de amor e ódio, tendo que lidar com a realidade da sedução como uma força destruidora, e a reflexão de como nossos instintos podem ser perigosos.

Em 1941, ano em que os estados Unidos entram na segunda guerra, Pinguim surge. O personagem, era antagonista ao trauma, uma vez que foi ridicularizado por meninos fortões na infância, e traumatizado pelo bullying, ambicionando o poder, aterrorizava a sociedade com sua sede de vingança. E por fim, em 1942, o Duas Caras, que explora a linha tênue entre o bem e o mal revelada na dupla identidade de Batman. Mas por ser descrito como completamente consciente e lúcido, era, em alguns momentos, fonte de informação sobre o submundo para Batman, o que o transforma em um novo conceito sobre como lidar com vivências traumáticas. O Duas Caras era encarnado por Harvey Dent, um ex-promotor de justiça que, ao ter o rosto desfigurado por um mafioso, cedeu a angústia mental do trauma e desenvolveu uma persona mórbida e cruel, o que o fez cometer vários crimes em nome de uma justiça própria e pessoal, alegoria do que o Batman poderia ter se tornado. Explorando o medo, ainda vieram em 1941 o Espantalho e o Charada. Robb (2017) diz: “Os principais integrantes da galeria de vilões do Batman estavam todos em posição quando os anos 40 chegavam ao fim.” E por conseguinte, a segunda guerra mundial acabara, em 1945 e os Estados Unidos experimentavam,

novamente, uma boa fase de crescimento e ascensão econômica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Robb (2017) explica que o conceito de super-herói é tipicamente americano. Pode-se considerar uma criação nacionalista, ou seja, ideologicamente pensada pelo viés social estadunidense, nascido em tempos de insegurança, vulnerabilidade econômica e desafios sociais. Ainda segundo Robb (2017), a história do Super-Homem pode ser considerada a história não de um homem, mas de uma nação em busca da retomada de uma identidade perdida, de uma força vazada pela crise, da esperança que desaparece frente a dureza dos acontecimentos. Nas Palavras de Freud, encontramos escoamento para as ideias aqui descritas:

Esses (os deuses) conservam sua tripla tarefa: afastar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, tal como ela se evidencia na morte, sobretudo, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que lhes são impostos pela vida civilizada que partilham (FREUD, 1856/1939, p. 36).

Os Super-Heróis podem ser considerados, portanto, a metáfora da dor da sociedade, em um momento que se lidava com o grande trauma coletivo que a quebra da bolsa de Nova York em 1929 trouxe. Uma forma de lidar com o desamparo causado pela vulnerabilidade humana, que para tanto cria os super-heróis. Em última análise esses personagens podem ser vistos como semideuses, seres fantásticos, impenetráveis em relação à dor e ao sofrimento, invulneráveis diante das mais severas vivências traumáticas.

O desamparo psíquico e o desamparo social/econômico e político caminham de forma complementar, unificados pela interligação entre um e outro. No tempo em que é introduzido na cultura, o desamparo não pode ser apagado, não pode desaparecer. Mas pode ser atenuado a partir dos afetos, do suporte e da reciprocidade nas relações. Dessa forma, para sobrevivermos é necessário interagir e se ligar amorosamente de modo que os sistemas, as comunidades estejam engajadas em nutrir umas às outras para que as gerações futuras possam sobreviver satisfatoriamente.

É interessante pensar que a criação dos super-heróis, pelo viés do pensamento sistêmico que os constitui, traz essa nutrição e abertura para a reciprocidade dos afetos que faltam, dos vazios que surgem. Através de dois personagens criados para responder ao que o trauma

coletivo da Grande Depressão propôs, Super-Homem e Batman aparecem para cumprir o papel simbólico e arquetípico do cuidado. O primeiro, o Super-Homem, como um símbolo de esperança que vem do céu e de uma civilização humana mais desenvolvida, com poderes fantásticos para parar o tempo e mudar o destino do mundo, o que desconstrói a vulnerabilidade que fragiliza o ser.

O segundo, como aquele que assume seu trauma e o transforma em um estímulo para viver de forma sobre-humana, vencendo o desamparo ao qual a dor e o sofrimento submetem, ao mesmo tempo que garante para si a única função capaz de lhe asseverar as necessidades: o fazer-se amado. Além disso, Batman, inteiro em sua humanidade, luta contra vilões que encarnam inveja, medo, ressentimento, egoísmo, ambição desenfreada, luta por poder, insanidade. Todos os adversários de Batman têm suas próprias histórias de trauma, e nesse sentido, o super-herói também promove a reflexão sobre as várias maneiras da sociedade viver a dor e enfrentar o sofrimento.

Assim como no plano social, Batman e Super-Homem metaforicamente conversam com os americanos e com o mundo que passa pela segunda guerra mundial, e o recado é simples: não estamos desamparados. Nessa construção alegórica, reconhece-se a edificação da resiliência. Resiliência também pode ser descrita como adaptabilidade. A capacidade de se adequar ao que é, ao que se apresenta. Silva et al (2024) pondera que a resiliência pode ser apontada como um “conjunto de processos complexos e dinâmicos que permitem aos indivíduos manterem o bem-estar psicológico diante da adversidade”, mas lembra que a resiliência é um diálogo silencioso entre o sujeito e o evento traumático, e que no meio dessa conversa sem som e sem palavras, há de se considerar a sociedade, o coletivo, a bagagem emocional, genética, estratégias criadas a partir de aprendizados para superar o incomodo.

De acordo com esse entendimento, da resiliência como um diálogo entre pessoa e trauma, encontramos significado na ideia de que os Super-Heróis foram criados a partir de uma resposta da sociedade à dor e às vivências traumáticas, como uma tática de enfrentamento do sofrimento. Essa habilidade inconsciente de encontrar saída para a experiência do trauma e permitir, no momento certo, o florescimento psíquico, revela como a sociedade constrói a resiliência coletivamente. Super-Homem como o resgate da esperança e Batman como o aprofundamento psicológico da elaboração da complexidade humana. O momento certo de emergir da luz, do céu, e de aprofundar nas trevas e encontrar-se com os vários personagens da sombra, do inconsciente, revela a

habilidade humana de se reinventar frente as adversidades e florescer pós-trauma.

Enraizadas nos mitos e lendas do passado antigo, as histórias sem fim dos super-heróis modernos têm a mesmíssima função em nossa sociedade tecnológica que a mitologia tinha em tempos ancestrais. A humanidade continua precisando desses mitos para entender o mundo. (ROBB, 2017. P.361)

Para compreender o mundo, para compreender a si mesmo, para compreender como superar a dor e para construir a resiliência que capacitará o florescimento, no momento certo. E assim os heróis continuam salvando, literalmente, a humanidade.

CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras declaram não haver conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

- BASTONE, P. O desamparo psíquico e as relações de interdependência, pensando com Freud e Judith Butler. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, Natal, nº 61, v. 30, p. 87–108, abr.2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/29325>. Acesso em: 5 nov. 2024.
- CHEMAMA, R. O Trauma segundo a psicanálise – alguns pontos de abordagem
 Le trauma selon la psychanalyse, quelques points de repère. *Deslocamentos/Déplacements: revista franco-brasileira interdisciplinar de psicanálise e ciências sociais*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 13–28, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/des/article/view/12068>. Acesso em: 7 set. 2024.
- CÓRDOBA. Angela Hernandez. ESTUPIÑÁN Mojica, Jairo. DIMAS. Adrian Serna. *Transformación de la subjetividad en la psicoterapia sistémica*. 1ª Edição. Bogotá: USTS Universidad Santo Tomás, 2017. P. 14/300 E-Book
- DA SILVA, M. T.; ACIOLI, M. D. Análise crítica de Superman: entre quadrinhos, discurso e mudança social / Critical analysis of Superman: between comics, discourse and social change. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 54662–54678, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n6-050. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/30713>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- DE CASTRO, S. SUPER-HOMEM, E A MITOLOGIA MODERNA NOS SUPER-HERÓIS DE HQS. *APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, [S. l.], n. 24, p. 78-87, 2020. DOI: 10.22481/aprender. i24.7782. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/7782>. Acesso em: 7 set. 2024.
- FREUD, Sigmund. 1856-1939 O futuro de uma ilusão. Tradução de Renato Zwick, Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. (Coleção L&PM Pocket; v. 849), p.75/90. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/FREUD-Sigmund.-O-Futuro-de-uma-Ilusao.pdf> Acesso em: 20 out. 2024
- FREUD, Sigmund. Sigmund Freud Obras Completas. Volume 17 Inibição, Sintoma e Angústia e Outros Textos 1926 - 1929. Tradução Paulo César de Souza, São Paulo, Cia das Letras, 2014, p. 36/312. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7944475/mod_resource/content/1/FREUD_Inibicao%2C%20sintoma%2C%20angustia.pdf. Acesso em: 20 out. 2024
- GONÇALVES, Fabrício; SIQUEIRA CAROPRESO, Fátima. O Eu e a agressividade na primeira dualidade pulsional freudiana. *Sofia, Espírito Santo, Brasil*, v. 12, n. 1, p. e12140541, 2023. DOI: 10.47456/sofia.v12i1.40541. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/40541>. Acesso em: 7 out. 2024.
- HIRSCHBERGER, G. (2018). Trauma coletivo e a construção social do significado. *Frontiers in Psychology*, 9, Artigo 1441. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/article/s/10.3389/fpsyg.2018.01441/full> Acesso em: 7 nov. 2024
- JONES, G. *Homens do Amanhã: geeks, gangsters e o nascimento dos gibis*. 1º ed, São Paulo, Conrad Editora, 2006. E-Book
- MARTINS, L. P. L. A Problemática do Trauma ou o Trauma como um Problema em Psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, p. e35413, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35413>. Acesso em: 01 out. 2024
- MOREIRA, L. A. Análise Psicanalítica das Histórias dos Super Heróis. São Paulo, 1ª ed. Portal do Inconsciente de Oportunidades. 2013. E-book
- MORRISON. Grant. *Superdeuses*. Tradução Érico Assis. 1º ed, São Paulo, Seoman, 2012. E-book
- OTTO, A. F. N.; RIBEIRO, M. A. Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. *Pensando*

fam., Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 79-95, jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2024

REIS. R. ORTEGA. F. As Raízes do Trauma: Uma Revisão Sobre a História do Psicotraumatismo. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. 2023. v.30, e2023039, p. 21 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Hd3QLTGpXpCpRDpnNRtfsKy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2024

ROBB, Brian J. A Identidade Secreta dos Super-Heróis. A história e as origens dos maiores sucessos das HQs: do Super-Homem aos Vingadores. 1º ed, Rio de Janeiro, Editora Valentina. 2017. 1ª Edição. E-book

SANT'ANNA, Ivan. 1929: quebra da bolsa de Nova York: a história real dos que viveram um dos eventos mais impactantes do século. 1º Ed. São Paulo: Inversa Publicações, 2018. E-book

SILVA, A. P.; PORTO, M. V.; SILVA, L. P. de S.; SILVA, W. dos S. Resiliência, crescimento psicológico pós-traumático e florescimento - categorias de um espectro contínuo de respostas positivas ao trauma psicológico. Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 21, n. 8, p. e7023, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n8-209. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/7023>. Acesso em: 05 out. 2024

DE SOUZA VIRAÇÃO, F. J. “OLHEM, LÁ NO CÉU!” SUPERMAN E PROFETISMO JUDAICO. TEOLITERARIA - Revista de Literaturas e Teologias, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 173–188, 2019. DOI: 10.23925/2236-9937.2019v19p173-188. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/43761>. Acesso em: 7 set. 2024.

WELDON. G. Superman: Uma biografia Não Autorizada. Tradução Débora Guimarães Isidoro. 1º Ed. São Paulo: Leya, 2016. E-book

YOUNG. A. The harmony of illusions : inventing post-traumatic stress disorder. 1º ed, Princeton. New Jersey. Princeton University Press. 1995. E-Book
